

ISADORA FERREIRA GONÇALVES

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE SUPEREU NA  
OBRA FREUDIANA

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em  
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lucia Montechi  
Valladares de Oliveira

COGEAE – PUC/SP

2021

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a construção do conceito de Supereu na obra de Sigmund Freud. Trata-se de uma pesquisa teórica centrada nos principais textos sobre o tema. Começando por *Introdução ao narcisismo (1914)* e *Luto e melancolia (1915)*, essenciais para a reformulação da primeira tópica e para a divisão do Eu e o ideal do Eu, em particular em suas funções de consciência moral. Em seguida, acompanhamos o refinamento de alguns conceitos, como identificação, sadomasoquismo e dualismo pulsional. Estes, fundamentais para a elaboração da segunda tópica freudiana, estão destacados principalmente nos textos *Psicologia das massas e análise do eu (1921)* e *O Eu e o Isso (1923)*, quando o Supereu é finalmente nomeado. Além disso, *O problema econômico do masoquismo (1924)* explicita a sua severidade e caráter repressivo. Por fim, algumas observações foram feitas a propósito da sua relação com a cultura e a clínica, tendo por base principalmente *O mal-estar na civilização (1930)*.

Palavras-chave: Supereu. Ideal do Eu. Identificação. Sadomasoquismo. Dualidade pulsional.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira, pela orientação cuidadosa e pela transmissão enriquecedora.

Ao Prof. Dr. Pedro de Santi, por ter aceitado o convite para participar da avaliação deste trabalho.

Aos colegas de curso, por proporcionarem um ambiente de trocas acolhedoras e estimulantes, criando vínculos improváveis em tempos de pandemia.

Ao meu parceiro, Eduardo, por acompanhar com entusiasmo minhas realizações.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1. PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>3</b>
1.1. O SURGIMENTO DA NOÇÃO DE IDEAL DO EU .....	6
1.2. O EU DIVIDIDO .....	8
<b>2. A NOMEAÇÃO DO CONCEITO.....</b>	<b>11</b>
2.1. A IDENTIFICAÇÃO PATERNA .....	11
2.2. A NOVA DUALIDADE PULSIONAL.....	14
2.3. O SUPEREU .....	16
2.3.1. <i>Supereu e sadomasoquismo.....</i>	<i>19</i>
<b>3. POSSÍVEIS LEITURAS DO CONCEITO DE SUPEREU .....</b>	<b>22</b>
3.1. SUPEREU: GESTOR DO MAL-ESTAR .....	22
3.2. SUPEREU: AVESSO DO DESEJO.....	27
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

O conceito de Supereu começa a ser delineado na teoria psicanalítica na década de 1910, ainda que não sob esse nome. É possível acompanhar seu esboço desde a clínica das neuroses, avançando junto à metapsicologia para ser enfim descrito como instância em 1923. No decorrer dos anos de produção intelectual freudiana, o conceito fez presença tanto nas elaborações clínicas quanto sociais; nesse sentido, sua relevância como objeto de estudo parece significativa.

A interrogação que deu origem a este trabalho surgiu a partir de uma frase de Freud no artigo “*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*” (1925), estudado em disciplina do curso de Teoria Psicanalítica. Freud defende que, na menina, “o Supereu jamais se torna tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas como se requer que seja no homem” (Freud, 1925/2011, p. 298). Intrigada com essa afirmação, surgiu o interesse de tomá-la como norte para uma pesquisa. Para tal, seria interessante relacionar a instância do Supereu ao feminino, esforço que exigiria uma pesquisa mais ampla e fora do escopo da presente monografia.

Diante disso, optou-se por dar um passo atrás antes de avançarmos. O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar a elaboração do conceito de Supereu na obra freudiana, buscando elucidar suas origens, principais atributos e funções no psiquismo. Considerando o tempo para o estudo, propomos um recorte partindo dos artigos sobre a metapsicologia, avançando para a segunda tópica, quando o conceito ganha maior contorno, refinamento e interlocução com outros conceitos importantes.

O método utilizado será aquele proposto por Garcia-Roza (1994) como pesquisa do tipo teórico. Trata-se de uma investigação que analisa criticamente a teoria psicanalítica, buscando averiguar sua lógica interna e coerência conceitual. Para a condução dessa pesquisa, propõe-se o processo de releitura dos textos freudianos. Uma releitura, destaca o autor, não é um processo passivo e não deve isolar conceitos, desconsiderando sua história e singularidade. O contrário, ele envolve a consideração de um campo conceitual amplo e a transformação do texto no sentido de criar um discurso a partir dele (Garcia-Roza, 1994).

No primeiro capítulo deste trabalho serão trabalhadas as elaborações de Freud concernentes ao tema partindo dos artigos *Introdução ao narcisismo* (1914/2010) e

*Luto e melancolia (1915)*. Essas produções trazem reflexões importantes a respeito da divisão do Eu e do conceito de ideal do Eu, fundamental para a compreensão do que virá a ser o Supereu.

O segundo capítulo seguirá a investigação adentrando na segunda tópica, em cujo terreno o Supereu é propriamente nomeado e caracterizado em relação às outras instâncias do aparelho psíquico. Destacam-se aqui os conceitos de identificação, pulsão de morte e as manifestações do sadismo e masoquismo. Trabalharemos, principalmente, os artigos *Psicologia das massas e análise do eu (1921)*, *O Eu e o Isso (1923)* e *O problema econômico do masoquismo (1924)*.

No terceiro e último capítulo percorreremos, sobretudo, o artigo *O mal-estar na civilização (1930)*, além de alguns textos complementares, para pensarmos desdobramentos e refinamentos do conceito, seja em sua relação com a cultura ou em sua presença no contexto clínico.

## 1. PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES TEÓRICAS

O presente capítulo tem como objetivo compreender os germes da construção teórica do conceito de Supereu. Sabemos que foi nomeado apenas em 1923, porém sua origem pode ser remetida a um tempo mais inicial da teoria psicanalítica. Partimos do estudo sobre o narcisismo (1914), termo surgido em Freud em 1910, em uma nota acrescentada aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, na qual, ao falar sobre a escolha de objeto dos chamados “invertidos”, o autor afirma que “partindo do narcisismo, [os invertidos] buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou” (Freud, 1905/2016, p. 34). A relação do narcisismo com a escolha de objeto amorosa será melhor esclarecida mais à frente. O artigo *Introdução ao narcisismo* tem início com uma referência a Paul Näcke, psiquiatra alemão que teria usado o termo narcisismo para descrever o indivíduo que trata seu corpo como objeto sexual. Nesse sentido, o narcisismo era entendido como uma perversão. Freud se questiona a respeito disso, afirmando enfim que o narcisismo é “o complemento libidinal do egoísmo da pulsão<sup>1</sup> de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (Freud, 1914/2010, p. 15), não sendo, portanto, uma perversão.

Para compreendermos tal afirmação são necessárias algumas observações acerca do conceito de pulsão. No momento teórico trabalhado, referente à primeira tópica, Freud considera a dualidade pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou do Eu. Essa proposta surge inicialmente nos *Três ensaios (1905)*, em que as pulsões sexuais são colocadas em oposição àquelas que visam satisfazer as necessidades primárias. Em 1910, no artigo *Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão*, Freud formaliza essa dualidade.

A energia da pulsão de autoconservação seria o interesse e a da pulsão sexual a libido. Isso se complexifica a partir do estudo do narcisismo (1914), uma vez que o Eu passa a ser objeto de investimento das pulsões sexuais. “Como então distinguir entre as pulsões do Eu, postas a serviço da conservação do indivíduo, e as pulsões sexuais, concebidas como regidas pelo princípio do prazer e independentes da

---

<sup>1</sup> Freud utiliza o termo “*Trieb*” em alemão, o qual foi considerado como “instinto” em algumas traduções para o português, o que pode gerar confusão, porque pulsão e instinto são conceitos diferentes. Roudinesco e Plon (1998) destacam que o termo em alemão para instinto é “*Instinkt*”, portanto a correspondência entre “*trieb*” e “pulsão” é mais coerente. A edição dos textos utilizados nesta monografia é da Companhia das Letras, que optou por traduzir “*Trieb*” por “instinto”. Todavia, optou-se por manter o termo “pulsão”, por preferência da autora.

conservação do indivíduo?” (Garcia-Roza, 1995, p. 101). Apesar disso, Freud sustenta a distinção e propõe, ainda, dois tipos de libido, uma libido do Eu e uma objetal, ambas fazendo referência às pulsões sexuais.

Em 1915, no artigo *Pulsões e seus destinos*, ele argumenta que sua escolha por essa dualidade veio da constatação de que “um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu se encontra na raiz de cada uma dessas afecções [as neuroses de transferência]” (Freud, 1915/2010, p. 61). Garcia-Roza aponta, porém, que o dualismo de Freud acaba reduzido a um dualismo funcional, o que para ele seria inconcebível pois implicaria ceder à concepção monista de Jung. Freud revisará essa dificuldade apenas em 1920, momento em que postula a pulsão de morte. Quanto a isso trabalharemos no próximo capítulo.

Retornando ao artigo sobre o narcisismo, Freud vai percebendo na clínica que atitudes consideradas narcísicas são vistas em muitos indivíduos, a ponto de chegar a considerá-las como parte importante do desenvolvimento sexual. Dessa forma, o narcisismo ganha outro estatuto, principalmente a partir da observação dos parafrênicos, cujos principais traços são a megalomania e a falta de interesse pelo mundo (Freud, 1914/2010). Miguez (2015) aponta que o termo parafrenia é emprestado por Freud do psiquiatra Kraepelin, sendo utilizado na tentativa de englobar algumas doenças mentais, especialmente a esquizofrenia e a paranoia.

Os parafrênicos não eram admitidos em análise por Freud, que considerava que esses pacientes não estabeleciam transferência como os neuróticos. Quando mencionada a falta de interesse no mundo externo típica desses indivíduos, reforça-se que, por isso, “eles se furtam à influência da psicanálise, não podendo ser curados por nossos esforços” (Freud, 1914/2010, p. 15). Embora os parafrênicos não tenham deitado no divã, a dinâmica dos seus sintomas não é tão alheia à neurose, objeto principal de estudo da psicanálise. Freud ressalta que os neuróticos também abandonam a realidade ao priorizarem a fantasia, porém:

“De maneira nenhuma suspendem a relação erótica com pessoas e coisas. Ainda a mantêm na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos” (Freud, 1914/2010, p. 15).

No caso dos parafrênicos não há esse investimento imaginário. A libido retirada do mundo e dos objetos é dirigida ao Eu, levando a uma conduta que Freud chama de narcisismo. Nesse sentido, e partindo da megalomania, o autor passa a se questionar sobre o caminho da libido. Considerando a megalomania uma ampliação de algo que já existia, seria possível supor um narcisismo secundário, que surgiria pela retração dos investimentos objetais, os quais estariam embasados em um narcisismo primário (Freud, 1914/2010). Esclareçamos essa noção de uma temporalidade na constituição do narcisismo.

Garcia-Roza (1995) explica que, originalmente, o Eu é objeto principal de investimento libidinal, sendo considerado o reservatório da libido. Esse momento é chamado de narcisismo primário. Em seguida, a libido passa a ser investida em objetos, sendo que, ao longo da vida, o Eu segue sendo seu reservatório, mas passa a enviar e recolher investimentos em objetos. O narcisismo secundário, assim, designaria o momento em que essa libido investida nos objetos retorna ao Eu. Aqui, Freud compreende o desenvolvimento da libido na seguinte sequência: autoerotismo – narcisismo – escolha objetal.

Além disso, propõe-se uma divisão da libido em libido do Eu e libido objetal. Quanto mais se despende uma, mais a outra se enfraquece. Quando pendemos para o extremo da libido objetal, temos como referência a relação amorosa, em que o Eu é praticamente deixado de lado; em oposição, quando o Eu é altamente investido, vemos casos de paranoia, por exemplo (Freud, 1914/2010).

Em *Introdução ao narcisismo* e na conferência *A teoria da libido e narcisismo* (1917), Freud aponta vários motivos que justificam o estudo do narcisismo, como a já mencionada parafrenia, o psiquismo das crianças e dos povos primitivos, a doença orgânica, a hipocondria, a vida amorosa e a relação entre pais e filhos. É um campo vasto de investigação. Buscaremos elucidá-los agora.

Nas crianças e nos povos primitivos, Freud identifica certos elementos megalomaníacos, como a onipotência dos pensamentos e a magia como forma de lidar com o mundo. Miguez (2015) destaca o narcisismo como possibilidade de entender essa onipotência, no sentido de que a “libidinização do Eu faz com que ele perca seus contornos, agigante-se. O pensar se sexualiza e as ações psíquicas ficam ‘supervalorizadas’” (Miguez, 2015, p. 80). Na doença orgânica, por sua vez, o doente perde o interesse pelo mundo externo, voltando sua libido para o Eu e mandando-a para fora novamente quando é curado. Na hipocondria, a libido fica

concentrada em um órgão específico e embora pareça similar à doença orgânica, naquela não há uma mudança física comprovável (Freud, 1914/2010).

Em relação à vida amorosa, Freud aponta o uso da libido possibilitado em dois tipos de escolhas de objeto: a de apoio e a narcísica. No primeiro caso, o objeto sexual é escolhido a partir das pessoas que cuidaram e protegeram o indivíduo, geralmente “a mulher nutriz, o homem protetor”; no segundo, a pessoa toma a si mesmo como objeto, podendo seguir caminhos diversos ao escolher “o que ela mesma é, o que ela mesma foi, o que ela mesma gostaria de ser ou a pessoa que foi parte dela mesma” (Freud, 1914/2010, p. 36).

A investigação freudiana segue pela via da relação entre pais e filhos, apontada como um bom exemplo de superestimação do objeto a atitude dos pais para com os filhos. A criança é entendida como “A Majestade o Bebê”, expressão que podemos compreender a partir da ideia de “revivescência do narcisismo dos pais que atribuem ao filho todas as perfeições, além de concederem a ele privilégios que eles próprios foram obrigados a abandonar” (Garcia-Roza, 1995, p. 45). Freud argumenta que a criança deve ser e ter aquilo que os pais renunciaram e não conseguiram conquistar. A dinâmica dessa relação é especialmente importante porque o narcisismo vivido na infância não some simplesmente, como podemos ver com mais clareza nas escolhas de objeto narcísicas, e também na formação do Eu ideal e ideal do Eu, noções que adentraremos agora.

### 1.1. O surgimento da noção de ideal do Eu

Garcia-Roza destaca que “a primeira coisa a se considerar sobre o narcisismo é que nele a referência central é o Eu. [...] O Eu, enquanto categoria psicanalítica, diz respeito à economia libidinal, às séries de sensações de prazer/desprazer e às representações ligadas a essa economia” (Garcia-Roza, 1995, p. 52 – 53). O Eu é o que diferencia, por exemplo, o autoerotismo do narcisismo; o Eu é aquilo que se acrescenta ao autoerotismo para que o narcisismo se forme (Freud, 1914/2010).

A partir do narcisismo vivido na infância, Freud passa a se questionar sobre o destino da libido investida no Eu, indicando que ela não é toda e completamente dirigida para os objetos na vida adulta, sendo utilizada para a formação de um ideal. São introduzidas, assim, as noções de Eu ideal e ideal do Eu. Parte dos impulsos libidinais investidos no Eu, na infância, são recalcados, sendo que tal mecanismo é

possibilitado justamente pela formação desse ideal dentro do Eu. Tal ideal torna o Eu mais exigente, favorecendo o recalque<sup>2</sup>. O narcisismo infantil é então deslocado para o ideal do Eu e isso acontece porque o indivíduo não quer renunciar à satisfação vivida na sua infância e, como não pode manter a perfeição de outrora, tenta reconquistá-la constantemente a partir desse ideal (Freud, 1914/2010).

Migueluez comenta que “o conceito de Eu ideal é mais obscuro e às vezes se confunde com o ideal do Eu. [...] O Eu ideal coincide com a onipotência infantil; o ideal do Eu regula o narcisismo, exige sua renúncia” (Migueluez, 2015, p. 97). Garcia-Roza elucida:

Uma particular forma que o Eu toma é a do *Eu ideal (Ideal Ich)*, imagem do eu dotada de todas as perfeições, sobre o qual recai, como diz Freud, o amor de si mesmo de que na infância gozou o *eu real*. Há, portanto, um *Ur Ich*, um eu original, primitivo, forma primeira do Eu ideal e do ideal do Eu, constituído pela imagem refletida que o indivíduo tem de seu próprio corpo, e um Eu ideal que vem a ser a imagem idealizada do Eu. Essa imagem é construída na sua quase totalidade pelos pais, que projetam no filho, fazendo ressurgir o narcisismo que eles próprios tiveram que abandonar por exigência da realidade. [...] Inicialmente, portanto, o Eu ideal é o efeito do discurso dos pais”. (Garcia-Roza, 1995, p. 57 – 58).

A libido narcísica ganharia outra roupagem a partir do ideal do Eu, podendo ser compreendida pelas exigências que o indivíduo deverá satisfazer, as quais se encontram no lugar da lei (Garcia-Roza, 1995). Freud afirma que não seria surpreendente encontrar uma instância psíquica que garantisse essa satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e que, com esse objetivo, o observasse a todo momento, comparando-o a esse ideal. Nesse momento, tal instância é chamada de consciência moral. A formação onírica é aqui lembrada, uma vez que na censura que distorce os pensamentos do sonho também é possível reconhecer o ideal do Eu. As palavras chave usadas para descrever essa instância são “auto-observação e auto-crítica” (Freud, 1914/2010, p. 44).

---

<sup>2</sup> Assim como o termo “pulsão”, há uma questão referente à tradução do termo “recalque”. A tradução inglesa das obras de Freud, de James Strachey, utilizou a palavra “repressão” para designar dois conceitos distintos (*Unterdrückung* e *Verdrängung*). A tradução mais apropriada de *Verdrängung* seria “recalque”, que faz referência a um mecanismo inconsciente. *Unterdrückung* é melhor traduzido por “repressão”, operação consciente de supressão de ideias ou afetos (Roudinesco; Plon, 1998). As obras utilizadas neste trabalho não fazem tal distinção, mas optamos por utilizar o termo “recalque” por considerarmos mais adequado. [ver comentário à nota 1]

Ademais, o ideal do Eu leva a outro caminho de investigação: a compreensão da psicologia das massas.

“Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação. Liga não apenas a libido narcísica, mas também um montante considerável da libido homossexual de uma pessoa, que por essa via retorna ao Eu. A insatisfação pelo não cumprimento desse ideal libera libido homossexual, que se transforma em consciência de culpa (angústia social). A consciência de culpa foi originalmente medo do castigo dos pais, mais corretamente, da perda do seu amor” (Freud, 1914/2010, p. 50).

O que está em jogo no caso das massas é a colocação de um líder no lugar desse ideal, ideal este que passa a ser compartilhado pelos indivíduos e acaba por ocupar o lugar de objeto de amor e fascínio (Freud, 1914/2010). O artigo em que Freud trata dessa questão, *Psicologia das massas e análise do Eu*, será explorado no capítulo seguinte, uma vez que se localiza na lógica da segunda tópica freudiana, momento posterior ao que estamos tratando agora e que implica mudanças teóricas significativas.

## 1.2. O Eu dividido

*Luto e melancolia*, texto que integra os artigos metapsicológicos de Freud, traz elementos importantes para pensarmos o narcisismo, mais especificamente a identificação narcísica, além de reflexões pertinentes ao objeto de estudo deste trabalho. Ele parte do luto como modelo normal de perda de um objeto para marcar a diferença encontrada na melancolia. Não raro tal patologia pode fazer referência à perda de um objeto amado, como no luto, mas algumas vezes essa perda é da ordem de um ideal. Seria inclusive possível supor uma perda de objeto fora do campo da consciência (Freud, 1915/2010).

O trabalho de luto consiste no movimento da libido investida no objeto amado ser primeiramente “superinvestida” para depois desligar-se e deslocar-se para outros objetos. O Eu, nesse caso, fica empobrecido e perde interesse no mundo externo, assim como na melancolia. A diferença do estado melancólico é que essa libido retorna ao Eu e é empregada a serviço da identificação com o objeto perdido ou abandonado. Isso é possível porque o objeto foi escolhido de forma narcísica e, a

partir dessa identificação narcísica, o melancólico localiza a perda do objeto em si mesmo (Freud, 1915/2010).

Um ponto fundamental dessa patologia é o rebaixamento do Eu, o qual é descrito por Freud como “indigno, incapaz e desprezível, recrimina e insulta a si mesmo, espera rejeição e castigo” (Freud, 1915/2010, p. 176). Esse estado chega a ser associado com um delírio de pequenez no qual é sublinhado, novamente, a presença da consciência moral como instância crítica e observadora desse Eu (Freud, 1915/2010). O rebaixamento é possibilitado pela divisão do Eu, algo que se destaca no estado melancólico. Aquilo ou aquele que o melancólico odeia e age de forma tão cruel é o objeto perdido que foi introjetado em seu próprio Eu. Essa introjeção acontece conforme a identificação mencionada anteriormente e a instância que se separa do Eu e pode conflitar com ele é o ideal do Eu (Freud, 1915/2010).

A melancolia toma, portanto, algumas características do trabalho de luto e outras do processo de regressão, uma vez que retorna a um tipo de escolha de objeto narcísica. O conflito ambivalente, comum às relações amorosas, se destaca nessa patologia. Quando o amor ao objeto está refugiado na identificação narcísica, o ódio atua em relação ao objeto que vem para substituir o que foi perdido. Nesse sentido, insultar e fazer sofrer o objeto implica uma satisfação sádica. Há um auto martírio prazeroso na melancolia. Ao mesmo tempo em que as tendências de ódio em relação a um objeto são realizadas, o sadismo atuado se volta contra a própria pessoa. Assim, “os doentes habitualmente conseguem, através do rodeio da autopunição, vingar-se dos objetos originais e torturar seus amores por intermédio da doença” (Freud, 1915/2010, p. 184).

Sobre a autopunição, Freud acrescenta um breve comentário a respeito do suicídio. Partindo da melancolia, compreendeu-se que o Eu pode se matar quando trata a si mesmo como um objeto, abrindo espaço para expressar uma hostilidade e um desejo de morte dirigido a outro, que se vira contra si. O Eu é subjugado pelo objeto (Freud, 1915/2010). De acordo com Ambertín (2006), é possível perceber algumas características dessa noção de autopunição retomadas mais tarde no conceito de Supereu. Para a autora:

“A figura da autopunição foi apropriada para prenomear o Supereu e explicar os atos de fracasso que inexoravelmente emergem desde o mais íntimo e – ao mesmo tempo – mais alheio do sujeito. A causalidade psíquica que inaugura o discurso freudiano deixa de lado,

desta maneira, a pura exterioridade que antes dominava a subjetividade e implica, finalmente, o sujeito em seu destino” (Ambertín, 2006, p. 17).

Diante do exposto, alguns pontos ganham mais destaque. Roudinesco e Plon (1998), no verbete sobre o ideal do Eu, indicam que embora inicialmente ele tenha tido um lugar de destaque, este durou pouco. A partir do artigo *O Eu e o Isso (1923)*, que trabalharemos no próximo capítulo, há um deslocamento do poder, sendo o ideal do Eu colocado entre parênteses. Todavia, nesse primeiro momento, foi possível compreender alguns traços essenciais desse conceito. Algumas vias de investigação se destacam: o papel dos pais na formação do ideal e toda a complexidade envolvida no complexo de Édipo e nas suas saídas; a presença de algo, dentro do Eu dividido, que serve como observador constante, criticando, subjugando e punindo o Eu. Esses pontos serão melhor trabalhados no quadro da segunda tópica, como veremos a seguir.

## 2. A NOMEAÇÃO DO CONCEITO

Após muitas idas e vindas, finalmente a formulação do Supereu é apresentada, partindo principalmente do conceito de identificação e do dispositivo teórico baseado em uma nova dualidade pulsional que opõe, no quadro da segunda tópica, as pulsões de vida às pulsões de morte. A base para a investigação serão os textos *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), *O Eu e o Isso* (1923), *O problema econômico do masoquismo* (1924), além de “*Batem numa criança*”: *contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919), por enunciar a importância das fantasias sadomasoquistas inconscientes.

### 2.1. A identificação paterna

O conceito de identificação é trabalhado no sétimo capítulo de *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921). Considerada a “mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921/2010, p.60), ela se expressa pela via da formação dos sintomas em três modalidades: incorporação, regressiva e parcial.

A identificação por incorporação ocorre na fase oral e é a de absorção do objeto. Escolhendo como exemplo a pré-história do Édipo, no modelo positivo e masculino, há duas ligações distintas: um investimento objetal na mãe e uma identificação com o pai, que pode ser pensada no sentido de tomá-lo como modelo, como ideal do Eu. Tais ligações coexistem em vias paralelas e depois se encontram no complexo de Édipo. A identificação com o pai acaba por tomar um tom hostil, uma vez que o menino deseja substituí-lo ao lado da mãe. Nesse sentido, a identificação, desde sempre, é ambivalente. “Pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação” (Freud, 1921/2010, p. 61).

É importante diferenciar a escolha objetal da identificação. Tomando o pai como exemplo, na identificação, ele é o que se gostaria de ser; na escolha objetal, é o que se gostaria de ter. A dificuldade está em distinguir metapsicologicamente a esses dois caminhos. “Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por ‘modelo’” (Freud, 1921/2010, p. 62). Assinala-se ainda que, com a dissolução do complexo de Édipo, o

menino deve abandonar o investimento objetal na mãe, podendo fazer isso de duas maneiras: identificando-se à mãe ou reforçando a identificação ao pai.

A segunda modalidade de identificação, a regressiva, é percebida pela imitação no sintoma histérico. Tomando o caso Dora como referência, moça que imitava a tosse do pai, vemos que o sintoma é o mesmo da pessoa amada. Nesse caso, a escolha objetal é substituída pela identificação. Freud argumenta ser frequente que o Eu acabe adotando características do objeto, trata-se de uma introjeção do objeto no Eu. Dora introjeta um pai cuja representação inconsciente é a de um homem impotente e doente (Freud, 1921/2010).

Outro exemplo desse tipo de identificação é quando não se leva em conta a relação objetal com a pessoa imitada. Freud apresenta a situação de meninas de um pensionato que têm um ataque histérico após uma delas receber uma carta revelando o sofrimento de uma relação amorosa secreta. Supõe-se que as meninas gostariam de ter essa mesma relação, mas em função da inveja sentida aceitam o sofrimento e se identificam com a moça. Nesse sentido, é possível pensar que a identificação pelo sintoma indica um encontro de “Eus”, sendo que o lugar desse encontro deve permanecer recalcado (Freud, 1921/2010).

A noção de que a introjeção do objeto possibilitaria os processos identificatórios parece fornecer mais elementos para a conceituação do ideal do Eu, ilustrado por Freud por meio de casos de homossexualidade masculina e de melancolia. Sobre o primeiro, sustenta que, no quadro do Complexo de Édipo, há uma fixação na mãe. Na puberdade, quando convocado a escolher um objeto sexual, essa fixação retorna com força. Em vez de abandoná-la, o jovem se identifica com ela. Essa identificação transforma o Eu e uma parte importante do seu caráter sexual no modelo de objeto existente. Passa, então, a buscar objetos que substituam seu Eu, que ele possa amar como aprendeu com a mãe. Em suma, a identificação ao objeto abandonado ou perdido serve de substituto deste e é introjetado no Eu, fazendo com que ele assuma o seu lugar (Freud, 1921/2010).

Na melancolia, por sua vez, onde há perda real ou afetiva do objeto, a identificação com o objeto perdido, introjetado no Eu, toma um caráter cruel. A divisão do Eu é enfatizada aqui, na qual uma das partes destrói a outra. Uma parte, a modificada pela introjeção, inclui o objeto perdido. A outra, que exerce a crueldade, é a do ideal do Eu. Sobre essa instância, crítica do eu, diz Freud:

Lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência no recalque. Dissemos que é a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu que se diferenciou do Eu. Constatamos, além disso, que no delírio de observação se torna patente a decomposição dessa instância, desvelando sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais” (Freud, 1921/2010, p. 68).

Vemos que neste artigo o ideal do Eu ganha lugar de destaque, diferenciando-se consideravelmente do Eu. Em *Luto em melancolia* (1915), isso foi trabalhado, mas Freud parece avançar um pouco mais no conceito em 1921, elevando o ideal do Eu ao estatuto de instância. Roudinesco e Plon (1998) comentam que esse movimento foi considerado curioso à época, uma vez que pouco tempo depois Freud tomaria as características atribuídas ao ideal do Eu para descrever a nova instância do Supereu. “Mal foi promovido, o ideal do Eu já se viu destituído” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 363).

Retornando aos modos de identificação, por fim, temos a modalidade da identificação parcial, vista principalmente na ligação entre os membros de uma coletividade. Trata-se de um mecanismo fundado na capacidade ou vontade de colocar-se em uma situação idêntica a do outro ou dos outros. Este vínculo se constitui pela renúncia do indivíduo a seu ideal e pela instalação do líder nessa posição.

Resumindo, a contribuição da psicanálise para a compreensão da estrutura libidinal de um grupo, segundo Freud, remontaria justamente “à diferenciação entre Eu e ideal do Eu, e ao duplo tipo de ligação por ela possibilitada – identificação e colocação do objeto no lugar do ideal do Eu” (Freud, 1921/2010, p. 93). Tal separação entre instâncias pode ser desfeita em algumas situações, como em festas permitidas por lei, em que o Eu está livre de proibições. Ressalta-se que o ideal abarca as contenções que o Eu deve seguir, então quando aquele se retrai, o Eu pode se sentir alegre (Freud, 1921/2011).

Para melhor compreendermos as instâncias e a relação entre elas, abordaremos o artigo *O Eu e o Isso*, de 1923. Antes disso, porém, faz-se necessária a revisão de alguns conceitos fundamentais.

## 2.2. A nova dualidade pulsional

O quadro da segunda tópica implica uma nova dualidade pulsional, que terá efeitos na construção do conceito de Supereu. O retorno ao tema, apresentado no capítulo anterior, é feito por Freud no artigo *Além do princípio do prazer* (1920). Vejamos como essa formulação evolui.

Freud parte da compreensão do princípio do prazer, entendida como:

“um modo de funcionamento primário do aparelho psíquico, e que, para a autoafirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo externo, já de início é inutilizável e mesmo perigoso em alto grau. Por influência das pulsões de autoconservação do Eu é substituído pelo princípio da realidade, que, sem abandonar a intenção de obter afinal o prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação” (Freud, 1920/2011, p. 165).

O princípio do prazer tem como objetivo manter a energia dentro do aparelho psíquico a mais baixa possível, uma vez que uma quantidade grande de excitação provocaria desprazer. Freud vai percebendo que esse princípio não chega a dominar os processos psíquicos, como poderíamos pensar. Uma fonte de desprazer, por exemplo, seriam os conflitos dentro do aparelho, no sentido do desenvolvimento do Eu rumo a organizações mais intrincadas. Ressalta, ainda, que grande parte do desprazer vem da percepção, seja de pulsões insatisfeitas, seja de perigos externos. Nesse sentido, Freud prossegue sua investigação partindo da reação psíquica a estes últimos, mais precisamente nas neuroses traumáticas (Freud, 1920/2011).

Freud constata o fenômeno da compulsão à repetição, através, por exemplo, de sonhos de repetição. Há pacientes que sonham que voltam ao local de um acidente constantemente. “Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se causa da neurose traumática” (Freud, 1920/2011, p. 195).

Percebe igualmente que a compulsão à repetição aparece em diversas situações clínicas. Em uma análise, por exemplo, o paciente não se lembra de tudo que está recalcado, mas, frequentemente, o repete como vivência atual. Essa reprodução, atuada na transferência, diz respeito a algo da vida sexual infantil. Enquanto a resistência do analisando vem do Eu, a compulsão à repetição parece vir do recalcado, que é sempre inconsciente. “A resistência do Eu consciente e pré-

consciente está a serviço do princípio do prazer, pois ele quer evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do recaiado” (Freud, 1920/20211, p. 179).

Freud se pergunta então como o princípio do prazer se relaciona a essa repetição, uma vez que o que é vivenciado em repetição é desprazeroso. Conclui-se que o desprazer em questão pode ser assim considerado pelo Eu, mas para outro sistema pode ser entendido como satisfação. Resumindo, ele diz: “na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer” (Freud, 1920/2011, p. 183).

As manifestações dessa compulsão à repetição fazem Freud pensar em um caráter pulsional “demoníaco”, visto que os episódios repetidos em transferência desconsideram o princípio do prazer. Isso faz com que ele retome a discussão sobre a pulsão. Até então entendida como um movimento que impele ao desenvolvimento, passa a considerá-la como uma tendência à restauração de um momento anterior, reconhecendo sua natureza conservadora. Chega a afirmar que “o objetivo de toda vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que o vivente” (Freud, 1920/2011, p. 204).

Frente a essa nova proposição, a elaboração das pulsões de autoconservação se oporia à ideia de que a vida pulsional visa a morte. Freud discorre sobre um ritmo flutuante da vida, em que um grupo de pulsões iria para frente, buscando a meta final da vida. Chegado um certo ponto, outro grupo de pulsões retornaria para prolongar a trajetória. Esse caminho para trás, “para a completa satisfação, é em geral obstruído pelas resistências que mantêm o recalque, e assim não resta senão continuar pela direção de desenvolvimento ainda livre, embora sem perspectiva de encerrar o processo e alcançar a meta” (Freud, 1920/2011, p. 210).

Tomado por esses questionamentos, Freud propõe a revisão da sua teoria pulsional. Como já dito, anteriormente tínhamos a oposição entre pulsões sexuais – voltadas para o objeto – e pulsões do Eu, que serviam à autoconservação. Todavia, quando a investigação psicanalítica passou a olhar o Eu mais de perto e pode compreendê-lo como mais do que instância repressora e protetiva, percebeu-se que era também o reservatório da libido. A libido que ficava no Eu foi designada narcísica e era “naturalmente, manifestação de forças de pulsões sexuais no sentido analítico, que tivemos de identificar com as pulsões de autoconservação, admitidos desde o princípio” (Freud, 1920/2011, p. 222). A oposição proposta até então passou a ser

insatisfatória, uma vez que parte dessas pulsões do Eu, de autoconservação, eram sexuais também.

Freud conclui que se as pulsões do Eu são libidinais, é provável que todas as pulsões o sejam. A pulsão sexual passa, então, a fazer referência tanto ao Eu quanto ao objeto. Assim, Freud escolhe transformá-la em Eros, que busca impulsionar e manter juntas as partes da vida, denominando-a enfim pulsão de vida. Em oposição a ela, fazendo referência à destruição, propõe-se a pulsão de morte (Freud, 1920/2011). De maneira resumida, a pulsão de morte aproxima-se das observações sobre o masoquismo e o sadismo, como veremos mais adiante/à frente.

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que a nova dualidade teve uma repercussão importante, sendo objeto de reprovação e polêmica por seu cunho especulativo. Ainda assim, destacam que a pulsão de morte “tornou-se o protótipo da pulsão, na medida em que a especificidade pulsional reside nesse movimento regressivo de retorno a um estado anterior”, se confrontando “permanentemente com Eros, as pulsões de vida” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 631).

### 2.3. O Supereu

Embora a reformulação tópica possa ser pensada já a partir de *Além do princípio de prazer* (1920) e *Psicologia da massas e análise do Eu* (1921), foi em *O Eu e o Isso* (1923) que Freud formalizou a segunda tópica do aparelho psíquico, que inclui três instâncias: o Eu, o Isso e o Supereu. Trata inicialmente do Eu, apresentado como uma organização dos processos psíquicos do indivíduo, ligado à consciência e responsável pela descarga das excitações no mundo externo. Não apenas, há algo de inconsciente também no Eu, cujo comportamento se assemelha ao recaiado, ou seja, produz efeitos sem chegar à consciência, sendo que, para tal, é necessário um certo trabalho (Freud, 1923/2011).

É importante destacar que o recaiado não é o inconsciente. Todo recaiado é inconsciente, mas nem todo inconsciente é recaiado. Uma parte do Eu pode também ser inconsciente. Nesse sentido, quando se pensa em como algo se torna pré-consciente, “a resposta seria: pela ligação com as representações verbais correspondentes. Essas representações verbais são resíduos de memória; foram uma vez percepções e, como todos os resíduos mnemônicos, podem voltar a ser conscientes” (Freud, 1923/2011, p. 24).

O Eu seria, portanto, a instância que parte do sistema perceptivo e é, em um primeiro momento, pré-consciente. Haveria outra instância que se comportaria como inconsciente, a qual Freud denomina de Isso. O indivíduo passa a ser compreendido como um Isso “psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu. [...] O Eu não é nitidamente separado do Isso; conflui com este na direção inferior. Mas também o reprimido conflui com o Isso, é somente uma parte dele” (Freud, 1923/2011, p. 30).

A terceira instância, trazida à apresentação como uma suposta gradação no Eu, seria o Supereu. Nomeado pela primeira vez nesse artigo, a novidade em sua descrição estaria no fato de essa parte do Eu ter uma relação mais próxima do Isso. O Supereu tem sua origem remetida ao complexo de Édipo e ao desamparo característico da infância. Além de resto das primeiras escolhas objetais, que partiriam do Isso, ele seria também uma formação reativa a elas (Freud, 1923/2011).

“Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: ‘Assim (como o pai) você deve ser’; ela compreende também a proibição: ‘Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele’. Essa dupla face do ideal do Eu deriva do fato de ele haver se empenhado na repressão do complexo de Édipo” (Freud, 1923/2011, p. 43)

O Supereu, portanto, tem como base principalmente a identificação paterna derivada do Édipo, funcionando como uma espécie de introjeção da autoridade externa, sendo que “quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu esse recalque, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa” (Freud, 1923/2011, p. 43).

O Eu, nesse contexto, fica em uma posição servil frente ao Supereu e ao Isso. O Supereu atua como advogado do Isso, comandante do mundo interior. A posição especial dessa instância se deve justamente por ser um derivado de uma identificação tão primordial, que aconteceu em um momento em que o Eu ainda era fraco, além de ser herdeiro do complexo de Édipo e, por isso, introduzir no Eu os objetos de amor abandonados. O Supereu conserva os atributos oriundos do complexo paterno, que dizem respeito ao confronto e domínio do Eu. “É o monumento que recorda a anterior fraqueza e dependência do Eu, e que mantém seu predomínio sobre o Eu maduro.

Assim como a criança era compelida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Super-eu” (Freud, 1923/2011, p. 60).

A dificuldade do Eu em corresponder a esses imperativos, ou seja, a atingir seus ideais, gera uma tensão e uma crítica interna que tem como produto o sentimento de culpa. No campo da clínica isso é visto especialmente na neurose obsessiva e na melancolia. Na primeira, esse sentimento é bastante intenso, mas não chega a ser justificado para o Eu. Ao longo da análise, fica evidente que processos inconscientes influenciam o papel do Supereu e, portanto, da culpa, fazendo com que ela não chegue tão diretamente ao Eu. Na segunda, por sua vez, a presença do inconsciente parece ainda maior, a diferença é que o Eu parece aceitar a culpa, nesse caso, e submeter-se aos castigos impostos por ela (Freud, 1923/2011).

Freud chega a nomear um sentimento de culpa consciente e inconsciente. Para permanecer inconsciente há um trabalho importante do Eu. Os recalcamientos realizados por ele são feitos a serviço do Supereu, mas nos casos citados “ele se utiliza da mesma arma contra o seu severo amo. Na neurose obsessiva predominam os fenômenos de formação reativa, aqui o Eu consegue apenas manter a distância o material a que se refere o sentimento de culpa” (Freud, 1923/2011, p. 65)

Surge, então, a questão de como o Supereu se manifestaria essencialmente pela crítica, percebida como culpa pelo Eu, e se desenvolveria de forma tão dura para com este. Conclui-se que o que “vigora no Supereu é como que pura cultura da pulsão de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano” (Freud, 1923/2011, p. 67). Essa afirmação faz referência principalmente aos processos melancólicos.

Considerando, portanto, que o Supereu viria de uma identificação com o modelo do pai, é preciso levar em conta também que esse processo envolve uma dessexualização, no sentido de desviar a meta da pulsão sexual. Trata-se da disjunção pulsional, ou seja, “o componente erótico não mais tem força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição. Dessa disjunção o ideal tiraria o caráter duro e cruel do imperioso ‘Ter que’” (Freud, 1923/2011, p. 69).

Embora Freud fale de uma disjunção e de uma pura cultura da pulsão de morte, as pulsões não se manifestam tão separadas assim. O componente erótico na atuação do Supereu fica mais evidente na discussão acerca do par sadismo e masoquismo, na qual adentraremos agora.

### 2.3.1. Supereu e sadomasoquismo

Desde *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud já havia designado o par que denominou de “sadomasoquismo” como componente complementar, simétrico e significativo da vida pulsional. Essa posição será mantida, embora passe por reformulações a partir do remanejamento da teoria das pulsões na segunda tópica. Uma revisão importante é o da premissa fundamental que atribui à fantasia um lugar central na atuação do sadismo e do masoquismo.

Ela é enunciada em *“Batem numa criança”*: *contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919), através de uma fantasia infantil de surra. Freud afirma que com frequência chegavam pessoas em seu consultório que confessavam essa fantasia à qual sentimentos prazerosos pareciam estar associados. Curiosamente, raramente alguma delas havia realmente apanhado quando criança. Essa fantasia específica tem um desenvolvimento intrincado, porque ao longo de suas fases algumas mudanças acontecem nas cenas apresentadas. Freud escolhe descrever as fantasias relatadas por mulheres, por elas serem a maioria dentro do grupo que tratou dessa questão (Freud, 1919/2010).

A fantasia de surra se apresenta então em três fases. A primeira pode ser expressa na frase “Meu pai bate na criança”, portanto há uma criança na cena, diferente daquela que fantasia, que apanha de um adulto inicialmente indeterminado, que depois será reconhecido como o pai. Nesse primeiro momento, a fantasia não poderia ser considerada masoquista, tampouco sádica, pois a criança que fantasia não é quem bate (Freud, 1919/2010).

Na segunda fase o pai permanece sendo a pessoa que bate, mas a criança que apanha é aquela que fantasia. Além disso, há uma carga significativa de prazer. A frase correspondente a esse momento seria “sou castigada por meu pai”, o que denota um cunho claramente masoquista. Freud ressalta que essa fase não é exatamente lembrada, mas é uma construção da análise das pacientes. A terceira fase tem ainda similaridades com a primeira. A pessoa que bate volta a ser indefinida e quem apanha podem ser várias crianças. É como se a fantasia passasse por muitas variações. O que se destaca nesse terceiro momento é a excitação sexual que aparece, permitindo uma satisfação por meio da masturbação (Freud, 1919/2010).

Freud acrescenta então outro significado à primeira fase: “Meu pai não ama esse outro, *ama somente a mim*”. Frase que não seria exatamente sexual, nem sádica, mas que serve de material para o virá em seguida.

“A fantasia do período de amor incestuoso dizia: ‘Ele (o pai) ama apenas a mim, não a outra criança, porque bate nela’. A consciência de culpa não acha castigo mais severo do que a inversão desse triunfo. ‘Não, ele não ama você, pois bate em você’. Assim, a fantasia da segunda fase, de apanhar ela mesma do pai, torna-se expressão direta da consciência de culpa, à qual o amor ao pai fica sujeito. A fantasia tornou-se masoquista, portanto; que eu saiba, é sempre assim, a consciência de culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo” (Freud, 1919/2010, p. 307)

Sobre a terceira fase, acrescenta que a ênfase recai na parte “meu pai está batendo na outra criança”, enquanto a parte “ele ama apenas a mim” é recalçada. A forma da fantasia parece ser sádica, mas a satisfação obtida é masoquista, pois podemos entender que as crianças indefinidas da última fase são substitutas daquela que fantasia (Freud, 1919/2010).

A respeito do masoquismo, Freud argumenta nesse artigo que ele não parece ser uma manifestação primária, mas uma reversão do sadismo que pode ser compreendida pela regressão do objeto ao Eu, movimento influenciado pela consciência de culpa, como mencionado. Sobre esta, menciona-se que pode ser atribuída “àquela instância que se opõe ao resto do Eu como consciência crítica” (Freud, 1919/2010, p/ 315). Embora ainda não nomeado, Freud estava falando do Supereu. Quanto à fantasia de surra, Freud conclui que ela tem origem na ligação incestuosa com o pai, seja o paciente homem ou mulher. Entende-a como um precipitado do Édipo (Freud, 1919/2010).

Seguimos a investigação do sadismo e masoquismo a partir do texto *O problema econômico do masoquismo (1924)*, publicado já no contexto da segunda tópica, incluindo, portanto, a instância do Supereu. Freud constata, no sadismo, que parte da pulsão de morte, expressa pela destruição, está também à serviço da sexualidade. Algo disso, ainda, não se desvia para o mundo externo e permanece internalizado, ligando-se libidinalmente e levando ao masoquismo (Freud, 1924/2011).

O masoquismo pode ser observado de três maneiras: como um requisito para a excitação sexual, como expressão do feminino e como uma forma de se conduzir na vida, uma moralidade. O masoquismo erógeno, o primeiro, diz do prazer na dor, e pode ser remetido a fatores constitucionais e biológicos. O masoquismo feminino, o segundo, é descrito por Freud como o mais compreensível, enquanto o masoquismo moral, o terceiro, pode ser pensado pelo sentimento de culpa inconsciente (Freud, 1924/2011).

Este último nos interessa especialmente. Nele a relação com a sexualidade parece ter sido amenizada. O sofrimento em si é o que importa, “o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada” (Freud, 1924/2011, p. 194). Uma forma extrema de masoquismo moral pode ser vista no sentimento de culpa inconsciente e na reação terapêutica negativa. A satisfação obtida através desse sentimento pode ser entendida como o baluarte da vantagem da doença e isso fica mais claro quando Freud rejeita a expressão sentimento de culpa inconsciente e a nomeia necessidade de punição (Freud, 1924/2011).

Este lado perigoso do masoquismo moral remete a sua origem à pulsão de morte, sendo ele a parte não direcionada para fora como potência destrutiva. Sobre o componente erótico desse masoquismo, mencionamos uma atenuação, mas ele se faz presente justamente na autodestruição, que não se dá sem satisfação libidinal.

Nesse ponto, Freud retoma a discussão sobre o Supereu, reforçando que essa instância conserva características das figuras parentais, como sua tendência em observar e punir, e que além de essas pessoas atuarem como consciência moral por meio do Supereu, elas também fazem parte do mundo externo real, cuja representação acaba sendo realizada pela própria instância. O que acaba ocorrendo, enfim, é que “o sadismo do Supereu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e se juntam para produzir as mesmas consequências” (Freud, 1924/2011, p. 201).

A discussão sobre o par sadismo e masoquismo evidencia a luta entre as instâncias, na medida em que tendências opostas buscam expressão ao mesmo tempo no psiquismo, levando certa instância a obter satisfação e outra não. Ainda, enfatiza a face tirânica do Supereu, que deixa o Eu em dificuldade para agir de acordo com suas exigências, tomando o masoquismo como um dos caminhos possíveis para tal. No próximo capítulo, retornaremos à severidade do Supereu e suas consequências para o indivíduo.

### 3. POSSÍVEIS LEITURAS DO CONCEITO DE SUPEREU

O presente capítulo tem como objetivo apresentar alguns dos desdobramentos da nomeação do Supereu nos campos social e clínico. A base da discussão será o texto *O mal-estar na civilização (1930)*, tomando como materiais complementares a *Conferência XXXI (1933)*, acrescido das reflexões de Ambertín, no livro *Imperativos do supereu (2006)* e o artigo *O supereu entre o amor e o gozo (2011)*, de Freitas e Rudge.

#### 3.1. Supereu: gestor do mal-estar

Em *O mal-estar na civilização (1930/2010)*, Freud reflete sobre o sentido da vida, indicando que o que os homens mais querem é a felicidade, a qual tentam obter pela via da evitação da dor e pela experiência de grandes prazeres. Constata que “a vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos” (Freud, 1930, p. 28), os quais seriam as diversões, as gratificações substitutivas, como a arte e a ciência, e os entorpecentes. A felicidade, como satisfação de necessidades, seria apenas episódica. Sentir infelicidade é muito mais fácil, uma vez que o sofrimento pode chegar ao indivíduo por três caminhos: o corpo, o mundo externo e as relações com outras pessoas (Freud, 1930/2010).

A respeito dos paliativos mencionados, Freud nomeia mais detalhadamente alguns. Um dos métodos é a intoxicação, que provoca sensações de prazer imediatas, além de trazer uma sensação de independência do mundo externo. Outra defesa é vista na prática iogue, que implica um isolamento que, no máximo, trará quietude, mas não felicidade. Mais uma técnica é o deslocamento da libido, alterando a meta sexual da pulsão e investindo-a no trabalho intelectual, operação que Freud chamará de sublimação. A satisfação de um artista ao criar ou de um pesquisador ao solucionar um problema tem uma propriedade especial, que chega a ser nomeada como mais elevada (Freud, 1930/2010).

Acrescenta-se a satisfação vinda de ilusões, fazendo referência ao campo da fantasia, e o movimento dos eremitas, que simplesmente se retiram da sociedade, rompendo com todos os laços sociais. A religião é também apontada como tentativa coletiva de lidar com o sofrimento, ainda que mal-sucedida, podendo ser considerada

um “delírio da massa”, segundo Freud. A felicidade pode ser buscada também no amor, em amar e ser amado. Tentativa frágil, diz Freud. “Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (Freud, 1930/2010, p. 39). Por fim, é mencionada a atitude estética e o gozo da beleza, que visa os objetos, as paisagens e vários tipos de criação.

Admitindo a impossibilidade de abarcar todas as tentativas humanas de lidar com a questão, Freud conclui que a tentativa de ser feliz, imposta pelo princípio do prazer, é impraticável. Mesmo assim, não deixamos de esforçar-nos na busca dessa satisfação, a respeito da qual ele adverte:

“Em nenhum desses caminhos podemos alcançar tudo o que desejamos. No sentido moderado em que é admitida como possível, a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo. Não há, aqui, um conselho válido para todos; cada um tem que descobrir a sua maneira particular de ser feliz” (Freud, 1930/2010, p. 41).

Retomando as fontes do sofrimento mencionadas a pouco, Freud sublinha as relações com outras pessoas e as instituições sociais, argumentando que grande parte da miséria humana tem origem na civilização; aqui definida como o conjunto de realizações e instituições que nos separam dos animais e que procuram salvaguardar o homem da natureza e regimentar os vínculos. Dentre as maiores exigências da cultura, Freud enfatiza a beleza, a ordem e a limpeza. Para além disso, o que parece ser mais estimado são as atividades intelectuais e artísticas (Freud, 1930/2010)

Quanto à normatização dos vínculos, entende-se que a liberdade individual não é prioridade. O poder do indivíduo é substituído pelo poder coletivo, limitando suas satisfações. Um exemplo disso é o estabelecimento do Direito, o qual Freud chega a remeter ao tabu, cujos preceitos seriam o primeiro “direito”, uma vez que se buscava, a partir dele, impor restrições para preservar certo estado das coisas. Freud conclui, assim, que a civilização tem como base a renúncia pulsional dos indivíduos (Freud, 1930/2010).

A renúncia pulsional é tratada nesse texto principalmente pela via da sexualidade e da agressividade. Sobre a primeira, a exigência de uma vida sexual uniformizada para todos ignora a constituição de cada um, privando muitos indivíduos de obter prazer como desejariam. Nesse sentido, “a vida sexual do homem civilizado

está mesmo gravemente prejudicada” (Freud, 1930/2010, p. 69). Junto ao sacrifício à sexualidade, há que sacrificar também a tendência à agressividade, algo que não acontece sem efeitos. Retomando a discussão acerca do sadismo e do masoquismo, Freud fala da pulsão de morte realçando sua principal manifestação, a destruição. Supõe-se que “o pendor à agressão é uma disposição de pulsão original e autônoma do ser humano e [...] a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo” (Freud, 1930/, p. 90). A evolução da cultura pode ser entendida como a luta constante entre Eros, pulsão de vida, e a pulsão de morte.

E de que maneira a civilização lida com essa agressividade? Como eliminá-la ou diminuí-la se é inerente ao indivíduo? Introjetando-a, dirigindo-a ao Eu. O responsável por acolher esse afeto é justamente o Supereu, que se dispõe a ser tão agressivo com o Eu quanto este gostaria de ser com os outros. Relembremos que a tensão entre Eu e Supereu resulta na consciência de culpa, a qual se manifesta como necessidade de punição (Freud, 1930/2010). É possível questionar o porquê de o indivíduo se submeter às influências externas, diz Freud. Colocar-se nesse lugar remete essencialmente ao desamparo e à dependência, que tem como consequência o medo da perda do amor.

Freitas e Rudge (2011) destacam a importância do amor na discussão a respeito do Supereu, visto que é o afeto central no processo de identificação e é justamente o desejo de ser amado pelo outro que faz com que o indivíduo siga ideais alheios. O ideal da civilização é expresso no imperativo “Amarás a teu próximo como a ti mesmo”, frase que Freud aponta como risível, por ser impossível de ser cumprida. O que impede esse movimento é o narcisismo, que torna mais fácil amar alguém semelhante a nós ou que, ao menos, represente algum ideal que desejamos alcançar, do que alguém diferente (Freud, 1930/2010).

Freud remete então à infância para reforçar que fazer o mal é ameaçado com a perda do amor, levando a criança a evitar fazer aquilo que é entendido como ruim, para impedir esse desamparo. O ponto de virada, que garante o “sucesso” da civilização, é quando as autoridades são internalizadas, como vemos no Supereu. Não há mais o medo de ser descoberto fazendo algo errado e apaga-se a diferença entre atuar o mal e apenas desejá-lo. Diante do Supereu não há mais esconderijos (Freud, 1930/2010).

A dificuldade está em que o Supereu passa a atormentar o Eu, buscando puni-lo por seus pecados. Nesse ponto, quanto mais virtuoso o indivíduo, mais

severamente ele se comporta, aponta Freud. Precisamente “os que atingem maior santidade se recriminam da mais triste pecaminosidade” (Freud, 1930/2010, p. 95). Quanto ao sentimento de culpa que inevitavelmente surge, destacam-se duas origens possíveis: o medo da autoridade e, posteriormente, o medo do próprio Supereu. O primeiro implica uma renúncia pulsional por medo, a qual é diferente do segundo tipo. A renúncia pulsional não chega a apaziguar o Eu no que diz respeito ao Supereu, porque o desejo permanece e não pode ser mantido em segredo (Freud, 1930).

Em relação à agressividade, quanto mais renunciamos à sua satisfação, mais ela é acolhida pelo Supereu. Aqui Freud recupera o mito do assassinato do pai, trabalhado em *Totem e tabu* (1912-1923) para argumentar que o arrependimento dos filhos em matar o pai era resultado da ambivalência frente a ele. Quando o ódio se desfaz através do assassinato, o amor se manifesta no arrependimento. Em seguida institui-se o Supereu por identificação a esse pai, o qual acaba recebendo todo seu poder (Freud, 1930/2010).

“Apreendemos duas coisas muito claramente: a participação do amor na gênese da consciência e a fatídica inevitabilidade do sentimento de culpa. Não é decisivo haver matado o pai ou deixado de fazê-lo; em ambos os casos temos de nos sentir culpados, pois o sentimento de culpa é expressão do conflito de ambivalência, da eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição ou de morte” (Freud, 1930/2010, p. 104)

O sentimento de culpa tem lugar de destaque na cultura, revelando que o preço do progresso civilizatório é a felicidade dos indivíduos. Dito isso, Freud decide esclarecer alguns termos usados por ele, frequentemente confundidos entre si, que nos parecem de extrema importância.

O Supereu é uma instância explorada por nós; a consciência, uma das funções que a ele atribuímos, a de vigiar os atos e intenções do Eu e de julgar, exercendo uma atividade censória. O sentimento de culpa, a dureza do Supereu, é então o mesmo que a severidade da consciência, é a percepção que tem o Eu de ser vigiado [...] e o medo ante essa instância crítica, a necessidade de castigo, é uma expressão pulsional do eu, que por influência do Supereu sádico tornou-se masoquista, ou seja, emprega uma parte da pulsão para destruição interna nele presente para formar uma ligação erótica com o Supereu. Não se deve falar em consciência moral antes de um Supereu; quanto à consciência de culpa, se apresenta antes do Supereu.” (Freud, 1930/2010, p. 109)

A instauração do Supereu traz uma mudança importante, porque a culpa passa a se estabelecer seja por uma violência praticada na realidade, seja apenas por uma intenção. Freud sustenta, ainda, que o desenvolvimento do indivíduo é atravessado por duas inclinações, a busca pela felicidade, considerada egoísta, e a procura pela união com outros indivíduos em uma coletividade, que seria altruísta. A meta da civilização é, sem dúvidas, criar uma maior unidade entre os indivíduos. Diante disso, a felicidade desejada é colocada de lado. A proposta freudiana é que essas inclinações lutam constantemente entre si, sendo que tal luta não seria exatamente entre a pulsão de vida e morte, mas entre algo da ordem da libido, como uma briga para ver se o investimento será no Eu ou nos objetos (Freud, 1930/2010)

Nesse ponto, Freud vai traçando um paralelo entre o desenvolvimento individual e social, compreendendo que um depende do outro. Propõe que o Supereu também se apresenta de acordo com a sua época, sendo influenciado por grandes personalidades do momento. O Supereu cultural, como o individual, instituiria grandes exigências ideais, sendo que quanto mais se exige, mais produzimos no indivíduo rebelião ou neurose, tornando-o infeliz (Freud, 1930/2010).

Um ponto interessante a respeito da renúncia nos leva à discussão do sadismo e do masoquismo novamente. Freitas e Rudge (2011) comentam que a renúncia pulsional, quando provocada por razões externas, parece trazer mais desprazer do que quando impelida pelo Supereu individual. Há um efeito diferente, porque há um prazer em satisfazer essa instância. Como já vimos, o Eu se mantém numa posição de eterna dependência, coagido diante dessa instância que exerce funções autoritárias. Há um fator relacionado ao pai, defendem Freitas e Rudge (2011), que impede a existência de um Supereu apenas pacificador, uma vez que o amor implicado na identificação é acompanhado de ódio àquele que não permitiu a satisfação das pulsões.

Algo importante de ser considerado, destacado por Freud, é que uma criança que teve uma educação rígida não terá, necessariamente, um Supereu severo. O Supereu é mais expressão da agressividade que a criança gostaria de ter expressado frente a essas autoridades. “A origem da consciência severa e conseqüentemente do Supereu se deve a dois fatores: a frustração da pulsão, que desencadeia a agressividade, e a experiência de ser amado, que volta a agressividade para dentro e transfere para o Supereu” (Freitas; Rudge, 2011, p. 255).

Em sua *Conferência XXXI*, intitulada *A disseção da personalidade psíquica* (1933), Freud reforça que o Supereu parece tomar características parentais de forma unilateral, ignorando a parte amorosa da educação, herdando apenas a dureza e proibição. Sobre a introjeção, Freud afirma que o processo é complicado e ainda há pontos de incompreensão. O que pode ser dito é que o Supereu é um caso bem-sucedido de identificação à instância parental (Freud, 1933/2010).

Ademais, ressalta-se que o Supereu da criança toma como modelo o Supereu dos pais e não o modelo dos pais simplesmente. Toma o mesmo conteúdo e torna-se veículo de valores que acabam sendo transmitidos de geração em geração. Em vista disso, Freud destaca que a instância ajuda no entendimento da conduta social humana, indicando que “a humanidade nunca vive inteiramente no presente; o passado, a tradição da raça e do povo prossegue vivendo nas ideologias do Supereu” (Freud, 1933/2010, p. 206). Em certa medida, isso já é colocado no *O mal-estar* e é algo que abre caminhos para pensarmos em quais ideais são pregados na sociedade atual e o que segue sendo transmitido na herança cultural.

### 3.2. Supereu: avesso do desejo

Para um breve comentário, tomamos como referência o livro de Ambertín (2006), em que a autora destaca que as manifestações do Supereu, chamadas de imperativos, tem muitos nomes na clínica psicanalítica:

“Fracasso, neurose de destino, piora na cura ou reação terapêutica negativa, culpas ridículas que precipitam na autopunição ou no suicídio, delírio de ser notado na paranoia, delírio de insignificância na melancolia, traços de caráter, sonhos autopunitivos e pesadelos, hiper-reprovação e hiperculpa na obsessão, submissão sacrificial na histeria, “debilidade do supereu” nas mulheres, satisfação masoquista na perversão, necessidade de castigo, compulsão à repetição, lutos não-feitos (impedidos, congelados, patológicos), submissões, crimes insensatos, humor negro etc – mas fundamentalmente lhe cabe um nome: avesso do desejo” (Ambertín, 2006, p. 23).

Nesse livro, Ambertín faz um acompanhamento do conceito de Supereu na obra freudiana e traz apontamentos importantes. Ela começa por indicar uma série de reducionismos na compreensão dessa instância, enfatizando dois: o Supereu como produto da identificação paterna e como herdeiro do complexo de Édipo, como

foi apresentado até aqui. Para a autora, não se trata de recusar essa origem, que realmente é apontada por Freud, mas de pensar com mais profundidade a relação do Supereu com o Isso (Ambertín, 2006).

Ambertín considera que o Supereu pode ser pensado em duas versões, uma maligna, que teria relação mais próxima com o Isso, e uma moderada, vinculada às formações do inconsciente. A primeira tem caráter mais estrutural e a segunda, dinâmica. Já destacada a relação do Supereu com a pulsão de morte, acrescenta-se que essa ligação “rompe os nexos lógicos da trama associativa e se constitui em campo minado do que está estruturado como linguagem” (Ambertín, 2006, p. 293). A partir disso, o Supereu inconsciente atuaria como advogado do Isso e resto da palavra ouvida.

Freud, em 1933, salienta que o Isso não conhece juízos de valor, não conhece moral e está intimamente relacionado ao princípio do prazer, sendo que tudo que haveria nessa instância seriam investimentos pulsionais exigindo descarga. Ainda, afirma que o que se sabe sobre ele pelo acesso aos sonhos e pelos sintomas. A aproximação ao Isso parece ser possível apenas por analogias, “chamamo-lo um caos, um caldeirão cheio de excitações fervilhantes [...], a partir das pulsões ele se enche de energia, mas não tem organização” (Freud, 1933/2010, p. 215).

Na hipótese de Ambertín, o Supereu operaria além do princípio do prazer, sendo que as testemunhas desse movimento seriam os sonhos punitivos, a necessidade de castigo, o gozo do sintoma e a reação terapêutica negativa, já mencionados. De acordo com a autora, Freud indica que o inconsciente estrutural genuíno é o Isso e quando pensamos na origem o Supereu que parte do encontro da pulsão e do Édipo, é possível propor que o reservatório do Supereu se confirma no Isso e se assenta no auditivo, que permite a montagem da pulsão. Por isso as “vozes” do Supereu, os ditos e imperativos que acompanham o Eu, a partir dos restos daquilo que foi vivido (Ambertín, 2006).

Por conseguinte, Ambertín destaca que pela ligação tão próxima ao Isso, o Supereu é em grande parte inconsciente, sendo que a parte do Supereu que responde ao inconsciente estrutural parece trazer efeitos clínicos significativos. Freud indica, nessa linha, que o Supereu decide a gravidade dos quadros clínicos. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), indica que se o Supereu deriva do Isso “não pode se subtrair nem à regressão nem à des fusão pulsional que se produz como resultado

dela. Talvez por essa razão se produza essa reunião entre a resistência do Isso e a resistência do Supereu, [...] as mais temíveis no tratamento” (Freud, 1926, p. 295).

Ser eco do Isso e do complexo de Édipo coloca o Supereu em um lugar muito singular, argumenta Ambertín. Advogado do Isso e ligado à castração, une em si o passado e o presente e por sua origem intrincada, responderia tanto ao inconsciente “genuíno”, ficando alheio às operações de substituição, quanto ao recalque e às formações substitutivas, de acordo com a autora argentina. Embora seja uma peça do mundo interno, Ambertín defende que o Supereu atua sempre como um íntimo estrangeiro, como algo que diz respeito a outro tempo. “As vozes descarrilhadas dos psicóticos, o eco dos pensamentos nos neuróticos, dão seu testemunho clínico. Herdeiro do Isso e do complexo de Édipo, marca na encruzilhada de ambas heranças as vicissitudes sofridas durante e até sua tramitação (Ambertín, 2006, p. 298 - 299).

Por fim, retornemos a Freud, que acentua a tarefa árdua do Eu de tentar harmonizar as forças que atuam sobre ele, sejam os impulsos do Isso ou os constrangimentos do Supereu. Nesse momento, Freud sustenta que a proposta de uma análise seria tornar esse Eu um pouco mais independente do Supereu, ampliando sua organização e percepção, podendo, também, apropriar-se cada vez mais de parcelas do Isso (Freud, 1933/2010). Aqui Freud diz compreender “porque tantas vezes não podemos suprimir a exclamação ‘A vida não é fácil!’” (Freud, 1933/2010, p. 221).

## CONCLUSÃO

O presente trabalho tratou de um período importante da obra freudiana, partindo dos artigos sobre a metapsicologia e adentrando nas produções da segunda tópica. No primeiro capítulo, abordamos o narcisismo e o desenvolvimento do ideal do Eu, que mais tarde viria a ser reformulado e formalizado como instância do Supereu. A partir da melancolia, enfatizamos a divisão presente no Eu, o qual, nessa patologia, sofre com as duras críticas de sua contraparte. Destacou-se, nesse primeiro momento, a influência das figuras parentais na formação do ideal do Eu, algo que parece anunciar uma das características do Supereu: a introjeção da autoridade externa.

No segundo capítulo, ainda na via de investigação do ideal do Eu, discorremos sobre os processos identificatórios, tomando como exemplos o comportamento dos indivíduos em uma massa e também modalidades de formação do sintoma. Foi se delineando uma aproximação da instância do Supereu à identificação paterna, realçando a ambivalência inerente a essa relação. Em seguida, explorou-se a nova dualidade pulsional, que contribui no entendimento da face destrutiva do Supereu. Foi apresentada, por fim, a elaboração mais organizada de Freud a respeito do conceito, a partir do artigo *O Eu e o Isso* (1923).

Neste ponto, a relação entre as instâncias propostas na segunda tópica foi se clarificando. Vimos o Eu em um conflito árduo com o Isso, o Supereu e o mundo externo. Como uma possibilidade para pensar essa batalha, trabalhamos, no terceiro capítulo, o texto *O mal-estar na civilização* (1930). A civilização impõe uma renúncia pulsional importante em relação à agressividade e à sexualidade, ao mesmo tempo em que o indivíduo se impõe barreiras às satisfações de suas pulsões.

A questão norteadora deste trabalho foi compreender um pouco mais as origens do Supereu e a maneira como o conceito foi elaborado por Freud. Embora o foco, quando se fala dessa instância, seja quase sempre a dimensão da crueldade, foi possível apontar como o amor também atua nessa formação. Delimitados a origem do Supereu ao complexo de Édipo e ao Isso, sendo inegável que os processos identificatórios e as escolhas objetais, sejam estas vividas como atuais no Édipo ou vividas como resíduos no Isso, implicam também o amor. Ainda assim, porém, o Supereu parece atuar mais intensamente sua dimensão punitiva e, nesse sentido,

destacamos a importância do trabalho de análise para tornar os ditos do Supereu mais brandos, para que uma vida com menos sofrimento seja possível.

Tendo em vista a dimensão desta produção monográfica, alguns trabalhos de Freud não foram discutidos. Destaca-se, principalmente, o livro *Totem e tabu* (1913-1914), o qual, sabidamente, apresenta um ponto importante na compreensão da identificação paterna e na formação do Supereu por meio do assassinato do pai da horda. Mencionamos brevemente esse ponto no terceiro capítulo, para nos ajudar a pensar o sentimento de culpa. Resta como tópico a ser melhor explorado.

Quanto ao questionamento que suscitou esta pesquisa, agora parece ser possível explorar mais a fundo a questão da diferença entre os sexos proposta por Freud, para refletir a respeito do feminino e do Supereu. De toda forma, fica também como interesse para pesquisas futuras a investigação da compreensão lacaniana do Supereu. Sabe-se que sua proposta dos três registros traz outro entendimento da instância nomeada pro Freud, assim como suas elaborações a respeito da metáfora paterna e do gozo podem auxiliar a levar esse tema mais além.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBERTÍN, Marta Gerez. *Imperativos do supereu: testemunhos clínicos*. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

FREITAS, Adelina Lima; RUGDE, Ana Maria. O supereu entre o amor e o gozo. *Tempo psicanalítico*, v. 43, 243 – 267, 2011.

FREUD, Sigmund. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905)*, vol. 6, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1914). Introdução ao narcisismo. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)*, vol. 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1915). Os instintos e seus destinos. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)*, vol. 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, Sigmund. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914 – 1916)*, vol. 13, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1917). A teoria da libido e o narcisismo. In: *Conferências introdutórias à psicanálise (1916 – 1917)*, vol. 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1921). Psicologia das massas e análise o eu. In: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920 – 1923)*, vol. 15, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1923). O eu e o id. In: *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923 – 1925)*, vol. 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1924b). O problema econômico do masoquismo. In: *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923 – 1925)*, vol. 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923 – 1925)*, vol. 16, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926 – 1929)*, vol. 17, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936)*, vol. 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1933). A dissecção da personalidade psíquica. In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930 – 1936)*, vol. 18, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa de tipo teórico. *Psicanálise e Universidade*, n. 1: 9 – 32, 1994.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Artigos de metapsicologia (1914 – 1917): narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MIGUELEZ, Oscar M. *Narcisismos*. São Paulo: Escuta, 2ª. Ed., 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.